

■ Políticas da restauração. Novas direitas e velhas esquerdas, ou como reciclar o fundo raspado do tacho*⁸

.....Judith Revel

Costuma-se dizer que a Itália tem sido o laboratório de experimentação dos movimentos e da resistência biopolítica, mas também da corrupção pós-moderna do berlusconismo rastejante, da especulação política e da repressão, das grandes eleições de televisão e do devir-realidade das estruturas partidárias atualmente reduzidas a mera crônica de interesses pessoais, de traições e alianças de circunstância. Quem quer que observe de fora a Itália sente o mesmo gosto, tanto lendo a imprensa diária quanto assistindo a um espetáculo de *commedia dell'arte*: muitos efeitos especiais e nenhuma surpresa – as máscaras são conhecidas e todos sabemos como a coisa acaba. A França, por outro lado, parece exasperantemente “clássica”.

Praticamente não há escândalos, na França: uma política que, à direita e à esquerda, nasce nas mesmas escolas de administração e gestão, em tudo semelhante ao que sobrou de um sistema de *Welfare* que foi excepcional e que hoje já está “no osso”; uma política que navega em sonhos de *grandeur* já um pouco ridículos e sem novidades (a oposição à guerra, atenção aos problemas do Oriente Médio, a vocação europeia do final dos anos 50). Em resumo, a França, apesar de tudo, ainda é o país em que Igreja e Estado foram separados em 1905, cujo sistema de saúde funciona e é gratuito, que adotou o PACS (*Pacte civil de solidarité*), pelo qual a homossexualidade, embora tenha de ser declarada à prefeitura de Paris, de fato não preocupa ninguém. E mais: auxílio a estudantes; bolsas de estudo; subsídios garantidos aos recém-nascidos (e “assistência médica à procriação” em muitíssimos hospitais públicos, em caso de infertilidade); ótima rede de transportes públicos; sistema escolar e universitário pensado do começo ao fim, para facilitar a ascensão social; permissão aos solteiros de adotarem filhos (a ser estendida, espera-se, em breve, aos homossexuais); antiga tradição de acolher migrantes e

⁸ “Politiche della restaurazione. Nuove destre e vecchie sinistre, o come riciclare il fondo del barattolo”, publicado originalmente na revista *Posse*, em novembro de 2007. Disponível em: <http://www.posseweb.net/spip.php?article16>. Tradução de Caia Fittipaldi [Copyleft]. Correções e comentários são bem-vindos para caia.fittipaldi@uol.com.br.

refugiados, discussão pública sobre a eutanásia& País dos sonhos, então? Não, nada disto. É preciso rasgar a fantasia, ver o verso do quadro.

Se a Itália foi o laboratório da contestação social nos anos 70 – e também, sem dúvida, da mais extraordinária repressão nos vinte anos seguintes, a golpes de cadeia e *pay-TV*, encenações “judiciárias” e piadas de televisão, Milão bêbada e Roma ladra –, a França está se convertendo em laboratório de um cenário político inédito. De um lado, um país que muda num mundo que muda, e que, seja porque quer ou porque se deixa levar, não escapa a uma dinâmica imperial que o levou, pelo menos em parte, a opor-se ao golpe de Estado bushiano contra o Império. Um país que sempre resistiu a “fazer movimento” mas no qual a luta, da metade dos anos 80 em diante, prosseguiu com força até hoje – das primeiras coordenações de enfermeiros até as repetidas manifestações de estudantes, de ferroviários e metroviários, e, mais recentemente, à desobediência civil generalizada para proteger os *sans-papiers*, à revolta dos jovens dos banlieues e à luta contra o projeto CPE (“Contrato Primeiro Emprego”). De outro lado, uma esquerda social-democrata incapaz de produzir outra coisa além de disputas partidárias e, em sua afasia de projetos, desesperadamente à caça de votos também em territórios da direita: imigração controlada; luta contra a delinqüência juvenil a golpes de “campos de alistamento militar”; exaltação da família à moda antiga como base da sociedade; reafirmação do orgulho nacional com bandeiras francesas nas sacadas (idéia de Ségolène Royal de que até a extrema direita riu); tolerância zero e ideal ‘de segurança’; caça aos “falsos desocupados” (sic); e discurso entusiasmado sobre o róseo futuro do pleno emprego a ser alcançado em breve e das fábricas fordistas a serem miraculosamente reabertas. Nem uma palavra sobre o descaso com os mais jovens, sobre a precarização geral da vida, sobre os aposentados que não têm como sobreviver até o fim do mês, sobre os quase três milhões de franceses que vivem abaixo da linha da pobreza, ou sobre os inacreditáveis 29% de sem-teto parisienses que dormem na rua, mesmo sendo regularmente empregados – porque o salário e as ‘garantias’ financeiras não são suficientes para pagar um teto. Em resumo: uma esquerda desgastada, não apenas reacionária mas velha e gasta, fechada em sua auto-referencialidade e em total rendição ao personalismo. Uma esquerda cujo único objetivo é pôr a mão em pequenos poderes, demagógica até o inverossímil, enredada num sistema político sob a ditadura das pesquisas de opinião, que continua a querer se definir como sistema de representação política democrática, que traz para o palco os velhos leões irados e os jovens leões do cinismo ostentado como virtude. Uma esquerda ultra dilacerada na maré dos grupelhos da ultra-esquerda que, por sua vez, não sabe fazer outra coisa além de

repropon o hiper-protecionismo nacional como defesa contra o “grande capital” das multinacionais, os queijos locais contra o reino da Coca Cola, e um não à Europa que soou como absoluta negação à existência de um movimento de resistência no Império. Acrescentemos, por fim, um partido comunista que chegava a 15% dos votos quando ainda era stalinista e que, depois de ter feito autocrítica – mas pouca, porque continuou nacionalista, trabalhista e antieuropeísta – hoje nem chega aos 4%; assim se poderá ter idéia da farsa em curso. Novas caras, velhos discursos, idêntica cegueira.

E há os outros. Uma direita que se modificou e soube metabolizar as transformações em curso. Livre das rédeas que lhe aplicava a esquerda-que-só-sonha com ser-igual-à-direita-que-avança, a direita não se contentou em bombardear a ambulância. Inventou a política do discurso duplo, triplo, quádruplo: uma espécie de pôquer multi-interativo jogado em casa. Simultaneamente, desenvolveu os discursos hiper-liberais (o que a direita gaullista não chegara a fazer, agarrada que era à figura do Estado-providência), americanófilos (quando boa parte do ideal de “*grandeur*” da França do pós-guerra estivera ancorado à independência em relação ao Pacto Atlântico), católicos à moda Ratzinger, intolerantes, xenófobos, populistas; e sempre de olhos postos na esquerda dispersa então abandonada em alto mar por todos os Louis-Philippe mirins do partido socialista. A direita, além de pôr em campo um governo 50% feminino, nomeou para o Ministério da Justiça uma mulher de origem maghrebina para empunhar – em *tailleur* e salto alto – o *kärcher* que Sarkozy prometeu aos *banlieues*, criou um inédito Ministério da Identidade Nacional e da Imigração de ar completamente fascista, e deu ao mesmo tempo carta branca, em outro ministério, à presidenta (ela também maghrebina) do movimento de mulheres dos *banlieues* “Ni putes ni soumises” – “Nem putas, nem submissas”. Usou o laicismo como um machado contra a liberdade de culto, criminalizando indistintamente o Islã dos subúrbios e o desespero social; por todos os cantos reintroduziu o mérito, em vez da igualdade, a segurança em vez da liberdade, a república em vez da construção do comum. Derrotou o legítimo desejo de novidade e de reencontrar a esperança, transformando-o em operação publicitária na qual conta mais o vestidinho Prada da senhora S. que o desejo de política; reciclou o imaginário dos adolescentes (mas já quase cinquentões) do sonho kennediano em novelão cheio de iates de luxo e de celebridades. E, quando ficou tudo pronto, afundou a faca.

A direita sarkozyana, não satisfeita com haver raspado o fundo do tacho da extrema direita – não por acaso, o neopresidente francês vangloria-se de haver esmagado Le Pen: saqueou-lhe os votos, a golpes de hiper-nacionalismo e de pro-

vocações demagógicas –, lançou uma campanha de aquisição das personalidades mais mediáticas daquilo que, há algum tempo, ainda se podia (vagamente) chamar de “a esquerda”. Na Itália, agosto é mês de compras no grande mercado futebolístico. Na França, junho-julho foram os meses das compras políticas. Nicolas Sarkozy, novo Napoleão III pós-moderno, há poucas semanas comprou uma dúzia de elefantes socialistas e uma leva de ex-68s, há muito rendidos ao “pragmatismo” da direita, com o objetivo de apagar passados (quase sempre maoístas) só raramente vividos com glória. E aí estão os Kouchner (no Ministério do Exterior), os Lang (na reforma das instituições), os Strauss-Kahn (no FMI) – só para citar os mais conhecidos: os velhos mitterandianos, todos candidatos nas primárias da esquerda há apenas seis meses, a nadar nas novas águas da direita que avança. Para não falar dos “intelectuais” já mais escolados em virar casaca: Glucksmann, Bruckner, Gallo, Finkielkraut...

Então, o que fazer? Infelizmente, as seduções do poder não são novas. Denunciar as sereias sarkozyanas não fará nascer um novo Ulisses. Em vez disto, indagar o que significa hoje ser de esquerda parece não só obrigatório, mas também absolutamente necessário.

Uma esquerda que seja capaz de impor a Europa dos movimentos contra o simulacro da representação política, de combater a insegurança biopolítica e a precarização da vida, em vez de combater o choque de civilizações, de lutar pelo direito à felicidade, em vez de pregar a tolerância zero, de buscar as diferenças no comum, em vez de a República do cidadão ordinário, conformista, ‘médio’, sem cara.⁹

Uma esquerda capaz de retomar para si o acesso aos saberes e à formação (atualmente entregue de presente à empresa privada, em cenário incrivelmente orwelliano), a renda mínima universal (e não o assistencialismo – além do mais sempre insuficiente – das novas leis para os pobres), de redefinir uma cidadania plena, desterritorializada e sem restrições, em vez da xenofobia e dos nacionalismos. Uma esquerda capaz de pensar de outro modo o trabalho de afirmar a potência da cooperação social e da inteligência comum.

⁹ No original *cittadino qualunque*. “Qualunque” vem de “qualunque”, movimento italiano dos anos-50 que, à imitação do “poujadisme” francês, queria representar o “homem comum”, ordinário (“qualunque”). Foi uma das frestas remanescentes do neo-fascismo, sempre latente na Itália e já vencedor, com Berlusconi. Faltou-lhe apoios dos capitalistas e da DC. Hoje, o neocapitalismo tomou conta de tudo. É o novo fascismo. (Nota de tradução.)

Então, o que fazer? Toda a esquerda, contra os fantasmas daquela restauração pós-mitterandiana devorada pelo novo imperadorzinho! Depois de Napoleão III vem a Comuna de Paris. Façamos comunas, organizemos uma nova Comuna.

■·····Judith Revel é filósofa, professora na Université Paris I – Panthéon Sorbonne, e especialista no pensamento contemporâneo francês, sendo autora de vários artigos e livros sobre a obra de Michel Foucault. No Brasil, foi publicado *Foucault. Conceitos essenciais* (São Carlos, Ed. Claraluz, 2005), de sua autoria.